

## A DESSACRALIZAÇÃO DO DISCURSO LÉSBICO NO LIVRO AMORA

Eleni Solange Lima<sup>1</sup>; Rafaela Saiury Souza Tomé<sup>1</sup>; Janaina Soares Sicuto<sup>2,10</sup>; Bruna Amaral Davalo<sup>3,10</sup>; Lubieska Saleme Nogueira<sup>4,10</sup>; Jane Vasconcelos Menezes<sup>5,10</sup>; Jean Claudio dos Santos Parra<sup>6,10</sup>; Anatiela Paula de Souza<sup>7,10</sup>; Sandra Pereira de Souza Marques<sup>8,10</sup>; André Masao Peres Tokuda<sup>9,10\*</sup>

<sup>1</sup> Graduando em Psicologia, Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS; <sup>2</sup> Esp. em Oncologia Multidisciplinar – UNIJALES; <sup>3</sup> Doutora em Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UNESP; <sup>4</sup> Esp. em Psicologia Jurídica e Avaliação Psicológica – FAVENI; <sup>5</sup> Esp. em Psicodrama – GAYA; <sup>6</sup> Esp. em Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade – FMU; <sup>7</sup> Esp. em Psicopedagogia – Universidade Candido Mendes; <sup>8</sup> Esp. em Psiconeuropedagogia – NOVOESTE, esp. em Metodologia do Ensino – FIU, psicóloga – FITL/AEMS, enfermeira e obstetra – FAMUEDUCILEPA; <sup>9</sup> Doutor em Psicologia – UNESP; <sup>10</sup> Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

\*autor correspondente: andremasao@hotmail.com

### RESUMO

Este artigo tem o objetivo de discutir a questão da dessacralização do discurso lésbico no Livro Amora de Natalia Borges Polessa (2016). Partindo do discurso de Poder, a partir de Foucault, em seguida, revisitar a ideia do sistema sexo/gênero, enfatizando a teoria de Rubin para entender como seu texto colabora para o entendimento da heterossexualidade. No decorrer da discussão, trataremos de evidenciar se o discurso lésbico foi subjugado pelo poder e como essa questão é retratada no livro Amora, a partir de seu narrador.

**PALAVRAS-CHAVE:** sexualidade; sexo/gênero/heterossexualidade; dessacralização do discurso lésbico.

### 1 INTRODUÇÃO

Este texto apresenta uma discussão em torno do conto “Vó, a senhora é lésbica?”, presente no livro de contos “Amora” de Natalia Borges Polessa (2015). Para realizá-lo, será realizada uma pesquisa bibliográfica a partir de Michel Foucault (1988), mais especificamente sobre o livro “História da Sexualidade I: A vontade de saber”, para entender a sexualidade ao longo da história e do artigo de Gayle Rubin (1993), “Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade”, para traçar um entendimento sobre a questão do sistema sexo/gênero “induzirem” a heteronormatividade, e de que forma as linhas do texto reforçam a ideia de falar de homossexualidade ainda apresenta tema obscuro.

O objetivo proposto é pensar a

história narrada identificando nela como a expressão feminina lésbica ganhou espaço social através dos tempos e rompeu com a questão da dessacralização desse discurso, permitindo-lhe voz e poder social.

Assim, a questão da sexualidade até o século XVII não foi pensada como um elemento a ser excluído dos comportamentos sociais, ou que sobre esse tema não se podia conversar, imaginar e praticá-lo a partir dos mais variados episódios. Nesse contexto, segundo Foucault (1988), nada estava proibido, porque havia com o sexo uma relação mais harmoniosa, ou mais à vontade com a prática sexual, uma vez que não havia regras sociais a serem seguidas. Além desse fato, a ideia de que o ser humano é indivíduo que constrói sua subjetividade mediado pelas vivências de seu contexto social, corrobora para haver

nesse período, uma desenvoltura mais explícita quanto aos atos de prazer físico “carnal”, como aponta Foucault (1988, p. 9) “[...] os corpos “pavoneavam.”

Com o decorrer do tempo, a expressão da liberdade sexual começou a trazer alguns problemas devido à necessidade de se domar os instintos e vontades humanas, por isso, a sexualidade passou pelo crivo do segredo, ou seja, ficou restrita ao quarto do casal hetero. A partir dessa visão, o sexo se tornou um instrumento de reprodução, e sobre o tema o casal passou “a ditar as leis”, pois representava um modelo social a ser seguido (FOUCAULT, 1988).

E como ficam as relações de liberdade sexual do século XVII? Na verdade, o que foi permitido nos séculos anteriores, passou a ser uma espécie de aberração, cujo modelo social era incompatível com a transformação social da classe trabalhadora, por isso, tudo o que não se enquadrava no *status quo*, passou a sofrer sanções para que o comportamento fosse regulado de modo a extinguir o que não era correto. Todo esse pensamento repercutiu no modo de agir das sociedades do século XIX. Ademais, trouxe consigo reações intensas no que se refere à sexualidade exacerbada, considerada como um problema social, principalmente porque a proibição hermética, não é restritiva, não sendo seu cerco totalmente fechado, devido ao fato de contar com uma parcela social, que age guiada por sua real condição de existência (FOUCAULT, 1988).

Se a repressão social estava ligada ao modelo capitalista de produção, nem todas as pessoas se encontravam inseridas no mercado de trabalho e, conseqüentemente, não respondiam ao modelo clichê de cidadão, logo, esses sujeitos estariam de certa forma, desocupados praticando o sexo e/ou falando dele de forma clandestina (FOUCAULT, 1988).

Da proibição da sexualidade ao

controle dos corpos, essa é a grande mudança ao longo do tempo apontada por Foucault (1988), quando passou a se ter a necessidade de se confessar sobre o sexo, em locais específicos e para pessoas específicas e, nessa situação, “Dizer que o sexo não é reprimido, ou melhor, dizer que entre o sexo e o poder a relação não é de repressão, corre o risco de ser apenas um paradoxo estéril” (FOUCAULT, 1988, p. 14). Um paradoxo que marca um importante momento histórico: a construção das perversões.

Em uma época em que a proibição estava relativamente ligada ao falar sobre o sexo em quaisquer aspectos, os discursos foram polidos de tal forma a silenciar todas as manifestações sobre esse tema, e de certo modo, segundo Foucault (1988), à medida que um tema é banido da sociedade, por razões de poder, ele se torna uma abertura para que dele se comente, pesquise, descubra, dentre outros, e conforme os discursos sobre sexo vão se ampliando, também se amplia o público a falar dele. É nesse contexto que os indivíduos deixados à margem, antes inexistentes – por ainda não serem “enquadrados em identidades” - para a sociedade, começam a aparecer, são as sexualidades periféricas (FOUCAULT, 1988). A identidade homossexual aparece, como esse indivíduo delimitado socialmente e definido a partir de peculiaridades relacionadas à sua sexualidade. Isso quer dizer que a construção de sua identidade se deu a partir de sua prática sexual, desse modo, ele representava socialmente, sua prática sexual (FOUCAULT, 1988).

Estamos no século XXI, mas Foucault (1988), explana, mais ou menos por volta de 1870, o fato de a medicina enxergar o comportamento das pessoas homossexuais como objeto de estudo, intervenções e controle. Posteriormente, foram percebidos como pessoas loucas e acometidas pela doença do instinto sexual, portanto, não tinham

vozes sociais, suas histórias, mesmo que fictícias, não eram lidas e perdurava um mistério sobre os tipos de conflitos existenciais desse sujeito: O que ele sentia? como sentia? Por que sentia? E na sociedade contemporânea parece existir, ainda um estigma entelachado por outras conotações, mas com essência original.

As questões relacionadas à identidade homossexual, seus gostos artísticos e culturais, assim como, o impacto de seu trabalho no contexto em que estava inserido, tinha pouca ou nenhuma importância, porque o que importava/importava é o ato sexual, e não o sujeito, suas vivências (FOUCAULT, 1988). O sistema sexo/gênero e a o fato da sociedade passar pelo crivo da estratificação sexual traz à tona o teor político da sexualidade e a marginalização, uma vez que “É organizada em sistemas de poder os quais recompensam e encorajam alguns indivíduos e atividades ao passo em que punem e suprimem outros.” (Rubin, 1993, p.50).

A punição e a repressão acontecem desde o momento em que há uma estratificação social da sexualidade em cuja dominância prevalece a heterossexualidade, como um modelo humano, excluindo-se outros perfis, porque representam outros tipos de valor sexual, trazendo a ideia de “sexo bom e sexo mau”. A discussão de Rubin (1993, p. 17) complementa o que dissemos anteriormente, pois “De acordo com esse sistema, a sexualidade que é “boa”, “normal”, e “natural” deve idealmente ser heterossexual, marital, monogâmica, reprodutiva e não-comercial”.

Outro ponto de destaque, nesse contexto, é o fato de os heterossexuais poderem desviar-se de algumas regras sociais, e elas serem toleráveis e aceitas socialmente, porque há uma conformação perante a conduta heterossexual referente ao “quadro amplo da experiência humana. Em contraste, todos os atos sexuais no lado ruim da linha são

considerados completamente repulsivos e desprovidos de toda nuance emocional.” (RUBIN, 1993, p. 18). A heterossexualidade, a partir dessa visão, é evidenciada como uma norma, porque regula o comportamento de outros indivíduos, logo, os indivíduos considerados heteros disciplinam, pela sua conduta, impondo, sutilmente, um modo de agir.

Existe um gerenciamento social que incide sobre as várias camadas da população, ainda que para entendê-lo, seja necessária uma visão integral da história da sexualidade até os dias atuais. Entendendo o passado que se encontra inserido no presente, é possível compreender as marcas do dispositivo da sexualidade explorado por Foucault, pois se trata de

[...] uma estratégia potente e perversa não de repressão, mas de gerenciamento e controle da produção dos corpos, subjetividades e populações. Potente porque o poder avança cada vez mais fundo sobre os modos de existência; perverso porque produz formas de experimentação e vivência da sexualidade como ilegítimas, não para exterminá-las totalmente, mas sim para a manutenção das relações de poder. Para Foucault, poder “é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 1988, p. 103).

A inserção da homossexualidade nesse contexto, desenhado para o desenvolvimento do gênero aceitável socialmente, colabora para a instalação de um paradigma cujas prerrogativas ocultam o preconceito à adversidade e estabelece um novo tipo de poder em que a heteronormatividade é dominante, pois é aceitável socialmente. Logo, segundo Rubin (1993, p 51.) “Há um mau tratamento sistemático contra indivíduos e comunidades com base no gosto ou comportamento erótico. Há penalidades sérias por pertencer às diversas castas sexuais ocupacionais”.

## 2 O DISCURSO LÉSBICO NO CONTO VÓ, A SENHORA É LESBICA?

O livro “Amora” é composto por uma coletânea de trinta e três contos em que a temática da homossexualidade feminina está presente no discurso de forma explícita e o leitor pode encontrar nos relatos das personagens femininas episódios de como as descobertas da sexualidade, do amor e do prazer foram aflorando desde a puberdade até a idade adulta (POLESSO, 2015). Foi lançado em 2015 pela “não-editora” e recebeu o prêmio Jabuti, um renomado reconhecimento para o contexto nacional um ano após ser lançado. Os contos são variados e trazem ao leitor um universo múltiplo de situações às quais levam uma reflexão sobre os temas como o preconceito, a descoberta da sexualidade, a família, as adversidades e o respeito às diferenças. Para este trabalho será tratado, mais especificamente o conto “Vó, a senhora é lésbica?”, por causa da riqueza de detalhes em sua composição escrita e contextual que oportuniza realizar uma leitura que traça um paralelo às questões homoafetivas entre duas gerações diferentes.

De acordo com o dicionário de etimologia, conto é narrativa breve e concisa, contendo um só conflito, uma única ação (com espaço ger. limitado a um ambiente), unidade de tempo, e número restrito de personagens. “Vó, a senhora é lésbica?” (POLESSO, 2015) se passa na casa da avó Clarissa, lugar onde os netos passavam a tarde após a escola, Joaquim, um amigo da família, surpreende Clarissa ao perguntar-lhe se ela era lésbica enquanto estavam fazendo a refeição “[...] vó Clarissa deixou cair os talheres no prato fazendo a porcelana estalar.” (POLESSO, 2015, p.36).

Beatriz e Joana, também netas, ficam admiradas esperando a resposta da avó, e enquanto esperam um filme passa pela cabeça da neta mais velha, lembranças da infância sobre as histórias

que a vó lhe contava. Nesses devaneios começou a se recordar das aulas da faculdade e de Taís, uma jovem estudante que cursava uma matéria obrigatória junto com ela (POLESSO, 2015).

Joana relembra dos mínimos detalhes e narra também o episódio romântico entre as duas na biblioteca de humanas, “Depois, ergueu os olhos para mim e com uma mão muito rápida me puxou pela cola do blusão para bem perto dela e encostou a testa na minha [...]. A Taís sorriu com aqueles dentes brancos e enormes, sorriu dentro da mina boca” (POLESSO, 2015 p. 39). Nos intervalos de recordações e estados conscientes, Joana traz à lembrança a tia Carolina, uma senhora que fazia visitas à sua avó todas as tardes (POLESSO, 2015).

Enquanto Carolina não chegava, Clarissa punha uma mesa requintada para esperá-la, depois ia até a padaria e assim que chegava, a visita logo aparecia minutos depois: “Voltava em vinte minutos com uma caixa de delícias que sempre nos fazia muito curiosos.” (POLESSO, 2015, p. 40). E nesse momento, Clarissa ficava “radiante”, e colocava as crianças num quarto para ficar a sós com a amiga, “Minha avó sempre recomendava que não as incomodássemos durante o chá e enchia o nosso quarto de tudo o que pudesse nos manter ocupados.” (POLESSO, 2015, p. 40). De repente minha vó começou a entristecer e a chorar pelos cantos da casa. Nesse tempo, Carolina já não visitava mais minha avó, mas após duas estações do ano, ela voltou e a alegria também voltou na casa da minha avó: “Minha avó parecia outra mulher. Estava bem-vestida, contente e voltou a cheirar a perfume e creme de lavanda” (POLESSO, 2015, p. 41).

Quinze ano depois, Joana começa a entender todas as vivências na casa de Clarissa. No decorrer do conto, sua vó, respondendo à pergunta de Joaquim, confirma ser lésbica. E enquanto isso, imagina episódios sensuais entre sua vó

e a tia Carolina. Sai do tempo cronológico e recorre às memórias, buscando respostas para as duas mulheres não terem assumido o amor que sentiam, ao mesmo tempo que recorda seu romance com Taís e a naturalidade da relação entre ambas. Nesse momento, evidencia seu medo de alguém da família saber sobre sua homossexualidade, e que os conhecidos e professores podiam já saber e o que pensavam por ela ser lésbica. Cai em devaneios de novo, “Enquanto eu olhava a tapeçaria, a Taís invadiu os meus pensamentos. Me lembrei da sua mão quente tocando meu corpo, por baixo do blusão, e pensei nas mãos cheias de anéis da tia Carolina percorrendo o corpo da minha avó” (POLESSO, 2015 p. 42).

A história é finalizada com a personagem Joana tentando entender a situação de sua vó e os motivos que levaram as duas mulheres a guardarem seu amor em segredo por tanto anos. Trata então, da descoberta de um caso entre duas mulheres que atravessou gerações e vindo a público, após o questionamento de uma terceira pessoa. “E onde você ouviu falar de eu ser lésbica? – Ouvi o pai e a mãe falando” (POLESSO, 2015, p. 41).

O discurso lésbico, ou seja, o ato de falar sobre a homossexualidade feminina, a descoberta dela e todas as outras questões pelas quais a neta, que era de uma geração mais jovem, também estava vivenciando, de uma forma diferente, mas ainda assim temia que os familiares descobrissem, e o contexto atravessado pelas personagens no livro, é um indicador de que existe um comportamento receoso por parte da Vó Clarissa, quanto ao seu relacionamento com Carolina, principalmente com relação aos familiares. A avó era lésbica e a neta também, no entanto, ao descobrir sobre a avó, Joana calou-se sobre sua sexualidade, e, de certo modo, deixou-se de lado, para compreender o que havia acontecido e estava acontecendo com

sua avó; “Porém, me ocorreu lembrar que a tia Carolina tinha sido casada com o seu Carlos. Me ocorreu que talvez não pudesse ficar com minha avó.” (POLESSO, 2015, p. 43).

### 3 A REPRESSÃO DA SEXUALIDADE

A repressão da sexualidade trouxe consigo algumas consequências para as pessoas homoafetivas e seu status social, pois muitos não tinham coragem de mostrar sua verdadeira identidade, como assevera Rubin (1988, p. 30), “[...] a vasta maioria dos homossexuais tinha que escolher entre uma pobreza honesta ou a tensão em manterem uma falsa identidade”. Se for traçado uma linha histórica desde o século XVII, em que o controle dos corpos emergiu e instituiu aos indivíduos considerados fora do padrão, a punição por “não serem adequados”, é possível perceber na sociedade atual, representações de repressão, não aceitação de si mesmo, e ocultação da subjetividade desses sujeitos desde sua juventude (FOUCAULT, 1988). O tema não é novo, ao contrário, atravessou séculos, mudando de configuração, mas manteve-se ativo no controle de corpos, delimitou o livre arbítrio e, ainda reprime a sexualidade, mesmo sendo ela fruto da atividade humana. Acerca dessa questão, Rubin (1993, p. 34), traz à discussão que “Existem repressões constantes nas quais os esquadrões locais do vício são soltos na população que controlam”. Nesse sentido conflitos e situações de medo e tensão que o homossexual pode vivenciar colabora para o estado de ocultação da sua verdadeira identidade na comunidade em que se insere e nas atividades humanas que desenvolve.

Para ilustrar a problemática da repressão, definimos como exemplo o par homoafetivo do livro *Amora* (POLESSO, 2015, p. 40), pois a rotina evidenciada pelas personagens Clarissa e Carolina e o modo como mantinham a

relação, representam a repressão pela qual passaram todos os anos em que esconderam seu romance dos familiares e amigos: “A tia Carolina trazia, quase sempre uns olhos de embaraço, agora lembro, os passos incertos[...] Parecia que não queria estar ali [...]”.

Do mesmo modo, em outro momento do conto, a repressão aparece mais uma vez quando o amigo de Joana interrompe o diálogo entre Vó Clarissa e a neta e questiona sobre aquele segredo: Até que o Joaquim perguntou por que ela e tia Carolina não moravam juntas. Essa minha avó não respondeu (POLESSO, 2015). A surpresa de Clarissa ao ser questionada sobre o caso amoroso evidencia o pavor que a mesma sentia de ser exposta perante sua família, Rubin (1993, p.30) considera “Ter que manter uma discrição absoluta é um fardo considerável. Mesmo aqueles que se satisfazem com o segredo podem ser expostos por algum evento acidental”. De acordo com o conto, o segredo entre as duas mulheres permaneceu escondido durante vinte anos e os encontros aconteciam dentro da casa de Clarissa sempre no horário do chá da tarde, no lar rodeado de netos, um local menos propício a olhares curiosos.

Chama atenção a nossa reflexão o quão sofrível pode ser para a pessoa que mantém um relacionamento homoafetivo ter uma vida social plena, podendo viver todas as emoções de uma relação afetiva sem receio de rumores. Entretanto, no conto, o modo como a relação entre Clarissa e Carolina se enreda, mostra que “A proibição estatal do contato sexual entre pessoas do mesmo sexo, penetração anal e sexo oral faz com que os homossexuais sejam um grupo criminoso negados do privilégio da cidadania total” (RUBIN, 1993, p. 29).

Outro aspecto interessante e presente no desenrolar da narrativa, é a questão do discurso homoafetivo, no sentido de falar, sobre o tema de forma

geral, quer dizer, há as vozes sociais desses sujeitos, anunciando a outros indivíduos situações, mesmo fictícias, mas que abordam a relação homoafetiva e algumas de suas peculiaridades. Esse discurso, ainda tímido, representa a inserção de personagens homossexuais no espaço literário, hoje bem maior do que em décadas passadas, com um detalhe, discutido por Foucault (1988), e que colabora para esta discussão, na contemporaneidade, ainda existe um estigma social com relação aos homossexuais. Este se apresenta de forma velada, no entanto, o capitalismo exacerbado e a busca pela matéria física têm facilitado a multiplicação de sociedades disparatadas.

O conflito vivenciado pela personagem Vó e neta, ambas homossexuais no conto de POLESSO (2015), identifica um emaranhado de situações de ordem familiar e de gerações, porque ambas vivem sua homossexualidade em épocas diferentes. Nesse aspecto, a questão do medo de o outro saber sobre sua preferência sexual, tanto do discurso da avó, quanto no de Joana traz tensões emocionais e o desconforto do indivíduo homo, parecidos aos conflitos mapeados pela ciência ao longo da história da sexualidade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão orientada pela teoria de Foucault (1988) e Rubin (1993), e mediante o conto “Vó, a senhora é lésbica? de Polesso (2015), concluímos que a análise realizada traça o caminho percorrido pelo sujeito homossexual, ao longo da história, sua individualidade enquanto pessoa de vivências sociais, dotado de poder e cidadania, entretanto, privado de viver de maneira plena por questões de poder e controle instituídos socialmente. Nesse trajeto, há evidências da conotação pejorativa atribuída a sua imagem social que colaboraram para a construção de traumas,

possivelmente.

Além disso, o fato de sua relação com o sexo não ser aceitável, foi motivo de exposição, e nessa situação, foi revelada não apenas sua condição humana e seu gosto erótico, mas também se tratou de repelir sua idiossincrasia, pois passou-se a definir o homossexual somente pela forma de realizar o ato sexual.

Entretanto, as lutas travadas socialmente repercutiram em conquista de espaço social, e hoje, o lado humano, comum a todo sujeito social, está ganhando notoriedade lentamente. O livro objeto de estudo, datado de 2015, é um exemplo dessa conquista, porque é uma obra literária, cujo texto mostra o avanço social relacionado a falar sobre experiências homossexuais, porque elas existem e fazem parte da realidade. É um texto que aborda as vivências e os desencontros de duas gerações de lésbicas da mesma família, mulheres que ainda temem o estigma oriundo dos dispositivos de controle e poder das instituições sociais responsáveis por controlar os corpos, os gostos eróticos e disseminar o modelo correto de sujeito sexual.

Na verdade, o conto pode ser caracterizado como um instrumento de poder social para os casais homoafetivos, não no sentido de mostrar uma vida plena na homossexualidade, mas pelo fato de trazer à tona um enredo recheado do tema do amor entre iguais, e da possibilidade de dessacralizar o discurso homoafetivo, instituindo-o como discurso social, passível de ser lido, compreendido e dotado de função social assim

como outro discurso presente na sociedade. Partindo desse pressuposto, a literatura, segundo Antonio Candido, possui esse poder de “humanizar” o ser humano, colocando-o como aquele que podem vivenciar diferentes realidades e situações, por esta via logo somos instruídos.

Finalmente, fomentar estudos sobre como as relações de poder incidiram sobre o discurso homoafetivo ao longo da história, é uma forma de levar outrem a participar de realidades diferentes e refletir sobre questões sociais importantes, como por exemplo, a repressão e o que ela pode causar no desenvolvimento integral do ser humano.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: Vários escritos. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1989.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade I: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

POLESSO, N. B. Amora. Ed. Dulibense. Rio Grande Do sul, 2015

RUBIN, G. Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade. Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes. Ed. UBU. São Paulo, 1993.